

## APROPRIAÇÃO DE ESPAÇOS URBANOS E *GRAFFITI*: cartografando diálogos sensíveis através das obras de Gordo Muswieck

GABRIELE VARGAS<sup>1</sup>; EDUARDO ROCHA<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Prograu - Ufpel – gabivargas.arquitetura@gmail.com

<sup>3</sup>Prograu - Ufpel – amigodudu@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Em vista da crescente urbanização advinda dos meios capitalistas e da especulação imobiliária, as cidades tornam-se cada vez mais áridas. A expressão da sensibilidade através do *graffiti*, com seu viés criativo e comunicativo, traz um novo panorama para este contexto. Muros, tapumes, edificações e equipamentos urbanos viram pano de fundo para variadas manifestações. Comunicando e transmitindo mensagens por meio da e para a sociedade, esta arte de rua – considerada livre, mas ainda subjugada – vem sendo reconhecida e valorizada através de suas temáticas, que vão desde problemas sociais, política e religião até simples mensagens positivas. Por meio do *graffiti*, são expressas diferentes realidades, assim como pictogramas e inscrições encontradas em edificações na Antiguidade manifestam hábitos e pensamentos de diferentes épocas. O *graffiti* é um dos modos mais genuínos de expressão urbana, por meio do qual a cidade descreve e escreve, coletivamente, sua própria história (SILVA, 2014).

Na contemporaneidade, o *graffiti* vem se expandindo mundo afora como arte urbana, modificando a estética e interagindo com a memória coletiva. Ao transitar pelo imaginário dos cidadãos que habitam as cidades e vivem seu cotidiano, é possível vislumbrar a subjetividade social e a repercussão do ambiente urbano na experiência individual como forma de reconhecer a cidade (RINK, 2013). A complexidade dos processos de criação e as abstrações na compreensão particular, carregada de significados próprios relacionados às bagagens pessoais, geram a possibilidade de se olhar para os fenômenos de uma perspectiva dinâmica, através da qual as narrativas, no contexto urbano, comunicam-se de modo comunitário e corporificam-se referencialmente para as sociedades (SALLES, 2006).

Assim como no rizoma de Deleuze e Guattari (2011a), as linhas de força, as conexões, em uma estrutura livre de formas preestabelecidas que compõem os processos em suas multiplicidades dimensionais são objetos deste estudo. Isso possibilita uma mobilidade direcional e um pensamento não linear, pulsante e abrangente, abertos a construções e desconstruções contidas no caminho, na perspectiva de percursos comunicativos e não no fim em si. O rizoma é, então, composto por linhas sinuosas que se ligam, de modo não cartesiano, à possibilidade de criar novos sentidos, em micro conexões que se diluem e, ao mesmo tempo, disseminam com intensidade e potência outras subjetividades. “A questão é produzir

inconsciente e, com ele, novos enunciados, outros desejos: o rizoma é esta produção de inconsciente mesmo” (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 27).

Nas dinâmicas urbanas e sociais em que se desenvolve a arte de rua e o *graffiti*, estão os caminhos rizomáticos e subjetivos das relações entre os sujeitos, as narrativas, as *afecções* – caminhos sem um fim determinado ou passível de uma única compreensão; um percurso enigmático sempre aberto às possibilidades para sociedades em busca de referências e alguma forma de pertencimento.

Neste cenário, a pesquisa a ser desenvolvida se propõe a estudar o processo de criação do *graffiti*, na arte de rua, através das obras do artista Gordo Muswieck, buscando entender as interferências desta arte nas dinâmicas urbanas contemporâneas, bem como suas possíveis apropriações do ambiente construído e *afecções* coletivas.

## 2. METODOLOGIA

Os movimentos urbanos, as pessoas e os caminhos – bem como o que se apresenta neles – são mais do que produtores de trajetos de ir e vir dentro da cidade; provocam emoções tão moventes quanto os veículos ou os dias e as noites que alteram os cenários das mesmas. Em meio a esses ciclos, a arte urbana do *graffiti* transforma a paisagem, possibilitando outras emoções, sensações, sentimentos e interpretações dos territórios. Georges Didi-Huberman (2018) aponta que, ao contrário de Darwin e Kant, Hegel, contrapondo os dogmas filosóficos de verdades absolutas, atribui às emoções o privilégio em sua existência. Já Nietzsche, modificando o pensamento filosófico, ultrapassa os impasses ao valorizar a emotividade contida nas artes e descreve a energia baseada em gestos ativos, reafirmados pela conexão entre ação e paixão, representada por algo que nos atravessa (em movimento interior-exterior), e-moção (DIDI-HUBERMAN, 2018). Assim, entendo o caminhar que perpassa as dinâmicas do *graffiti*, no urbanismo contemporâneo, como um espectro mobilizador de sentimentos que representam as narrativas sociais e caracterizam parte do patrimônio cultural da atualidade. Isso possibilita a identificação dos cidadãos com a urbe que os cerca, gerando senso de espaço e provável sentido de sua apropriação, em vista da coexistência relacional atribuída à ocupação por seus usuários. Os movimentos de deslocamento praticados pelos indivíduos através do contato físico com a urbe geram identidade e tornam os lugares espaços, potencializando e atualizando sua prática. Isso é o que reafirmam Guideroli & Colombo (2010), ao discorrerem sobre o pensamento de Michel de Certeau.

Utilizando o método da cartografia a fim de delinear o processo criativo nas dinâmicas urbanas temporais do antes, durante e depois - os procedimentos metodológicos estão baseados na caminhografia, através das obras urbanas do artista, entrevistas e participação observativa no processo, revisão teórico bibliográfica, registros fotográficos e áudio visuais, além de entrevistas para verificar as aproximações de pertencimento dos usuários. Será realizado o mapeamento das obras do artista para localização no contexto urbano e os demais dados coletados farão parte da busca pelos diálogos sensíveis que compõe as interações entre o processo criativo, o resultado na paisagem urbana e seus usuários, delineando *afecções* e significantes para chegar ao objetivo proposto. Os parâmetros adotados para o mapeamento cartográfico têm como referência Escóssia & Tedesco (2015, p.

15), que definem “A cartografia como prática de construção de um plano coletivo de forças. [...] Ao lado dos contornos estáveis do que denominamos formas, objetos, ou sujeitos, coexiste o plano das forças que os produzem”. Corroborando com Aguiar (2010), ao mencionar a cartografia por Deleuze e Guattari, como um método de pesquisa processual, de dispositivos multilíneares, moventes e heterogêneos num rizoma baseado na multiplicidade de pensamentos – pensando geograficamente o método de pesquisa como uma paisagem que se modifica de forma não estática. Nessa busca pela potência da processualidade, poderão somar-se outros recursos no decorrer do trabalho, além da investigação referencial-bibliográfica concomitante ao desenvolvimento.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao traçar um paralelo entre o rizoma de Deleuze e Guattari (2011), no contexto de um processo múltiplo, não cartesiano, livre aos movimentos e a liberdade de significações e o pensamento de Barros (2018) sobre o “devir-árvore” é possível interceccionar as leituras diante do devir libertário, assim como as árvores não estão presas a amarras em seu crescimento, precisamos deixar as amarras contemporâneas e sermos mais rizomáticos, no sentido mais amplo de não estagnação das raízes presas ao solo e sim das inúmeras possibilidades advindas das incertezas e pluralidades do livre proliferar - num “devir-árvore”. Compreender este devir como a força e a liberdade para permitir-se, produzindo o que ainda não sabemos, sem imitações, na imanência humana mas em busca das subjetividades do incerto – talvez em um “devir-rizomático”, onde as repostas podem ser diversas na relevância do percurso de crescimento ou mesmo no processo de produção e significação artística em questão.

Deste modo, identificando pistas cartográficas sobre as ações do *graffiti* e suas narrativas, por meio das obras do artista, o estudo vem buscando relações com o imagético da cidade e aproximações de pertencimento coletivo com estes espaços, através das dinâmicas urbanas contemporâneas. Numa busca pelos movimentos e rizomas, em um horizonte de processo em andamento, cartográfico, e não um fim a ser determinado.

Até o momento, foram explorados referenciais teóricos e realizadas entrevistas com o artista, permitindo-nos considerar o exposto.

### 4. CONCLUSÕES

O processo criativo da arte urbana contemporânea, as forças e essências motivadoras que levam ao resultado visível, tornam-se parte do procedimento investigativo em busca da compreensão acerca das interações entre sujeitos, mensagens, percepções e criação de subjetividade. No devir como ponto de partida sem um destino, necessariamente, concreto a chegar está a potência da liberdade de um caminho expansivo, aberto à novas relações corporais, novas subjetivações, onde os encontros marcam acontecimentos e transições. O estado de repouso ou movimento onde devimos e estamos em vias de devir, observar ou caminhar – por caminhos que podem ser sinuosos, incertos ou carregados de muitas e diferentes certezas em suas sinuosidades (DELEUZE; GUATTARI, 2011; v.4). A expressão plástica, que pode gerar inúmeras leituras e significações, como elemento vitalizador de pertencimento coletivo é o fio condutor às possíveis intersecções entre conceitos,

práticas, suportes e corpos onde se desenvolve a arte urbana – conferindo relevância à compreensão do tema em desenvolvimento.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** - vol. 1 - Rio de Janeiro: Editora 34, 2011a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** – vol. 4 - Rio de Janeiro: Editora 34, 2011b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é a Filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. *Espinosa: filosofia prática*. Trad. Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Que emoção! Que emoção?** São Paulo: Editora 34, 2018.

TEDESCO, Silvia; ESCÓSSIA, Liliana da. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 92-108.

RINK, Anita. **Graffiti: Intervenção e Arte Urbana**. Curitiba: Appris, 2013.

SALLES, Cecília A. **Redes da Criação: Construção da obra de arte**. São Paulo: Horizonte, 2008.

SILVA, Armando. **Atmosferas Urbanas: grafite, arte pública, nichos estéticos**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2014.

BARROS, Manuel de. Devir-Árvore. Ética dos Devires. **Razão Inadequada**. Disponível em: <<https://razaoinadequada.com/2018/07/11/devir-arvore/>>. Acesso em: 29 set. 2020.

GUIDEROLI, Ilma; COLOMBO, Camila. Entre o olhar e o caminhar: O espaço segundo Michel de Certeau. **Roteiros Flutuantes**. Disponível em: <<http://roteirosflutuantes.blogspot.com/2010/06/o-espaco-segundo-michel-de-certeau.html>>. Acesso em: 16 out. 2020.

DELEUZE, Gilles. **Sobre Spinoza**. Disponível em: <<https://www.webdeleuze.com/textes/194>> Acesso em: 21 de dez. de 2020.

ZOURABICHVILI, François. **O que é um devir para Gilles Deleuze?** Disponível em: <<https://blogdolabemus.com/2019/12/19/o-que-e-um-devir-para-gilles-deleuze-parte-2-por-francois-zourabichvili/>>. Acesso em: 21 dez. 2020.

REBELLO, Hélio. **Pragmática menor: Deleuze, imanência e empirismo**. 306 f. (Tese de Livre-Docência). Faculdade de Ciências e Letras – Assis – UNESP, 2005.